

## A SEMANA – 174

John Gledson

Ao longo da primeira parte desta crônica, sente-se a presença de um conflito ou agitação, obliquamente referida, mas que para o leitor contemporâneo seria mais do que óbvia – a briga sobre a anistia, completa ou condicional, dos revoltosos gaúchos e outros; os detalhes desta “briga sobre a paz” estão na nota 8. As citações de Renan mostram um pouco do pensamento de Machado sobre o assunto, que combina com o de Ferreira de Araújo, embora mais “abstrato”, visando à inevitabilidade do conflito nos negócios humanos. É evidente a ligação com o enredo de *Esau e Jacó*. As reflexões sobre a loucura condizem com um dos temas ocasionais destas crônicas, a complexidade da natureza humana. É interessante que na resenha de *O livro de uma sogra*, Machado focalize menos os comentários sobre o matrimônio – embora enfatize com Balzac que se trata de uma instituição humana, não natural – e mais o aspecto estético do livro e o estatuto da narração. Adivinha-se talvez a gestação de *Dom Casmurro*. Em novembro de 1896, publicaria na *Revista Brasileira* “Um agregado”, versão primitiva de alguns dos primeiros capítulos do romance. Já em carta a Magalhães de Azeredo de 26 de maio de 1895, fala nos começos da composição de um romance que muito verossimilmente será *Dom Casmurro*, ainda sem título.

Esta crônica consta da antologia de Mário de Alencar, p. 258-263.



## A SEMANA

29 de setembro de 1895

[Edição, apresentação e notas por John Gledson]

Quando a vida cá fora estiver tão agitada e aborrecida que se não possa viver tranquilo e satisfeito, há um asilo para a minha alma, – e para o meu corpo, naturalmente.

Não é o céu, como podeis supor. O céu é bom, mas eu imagino que a paz lá em cima não estará totalmente consolidada. Já lá houve uma rebelião; pode haver outras. As pessoas que vão deste mundo, anistiadas ou perdoadas por Deus, podem ter saudades da terra e pegar em armas. Por pior que a achem, a terra há de dar saudades, quando ficar tão longe que mal pareça um miserável pontinho preto no fundo do abismo. Oh! pontinho preto<sup>1</sup> que foste o meu infinito (exclamarão os bem-aventurados), quem me dera poder trocar esta chuva de maná pela fome do deserto! O deserto não era inteiramente mau; morria-se nele, é verdade, mas vivia-se também; e uma ou outra vez, como nos povoados, os homens quebravam a cabeça uns aos outros, – sem saber por quê, como nos povoados.

Não, devota amiga da minha alma, o asilo que buscarei, quando a vida for tão agitada como a desta semana, não é o céu, é o Hospício dos Alienados. Não nego que o dever comum é padecer comumente, e atacarem-se<sup>2</sup> uns aos outros, para dar razão ao bom Renan, que pôs esta sentença na boca de um latino: “O mundo não anda senão pelo ódio de dois irmãos inimigos.”<sup>3</sup> Mas, se o mesmo Renan afirma, pela boca do mesmo latino, que “este mundo é feito para desconcertar o cérebro humano”, irei para onde se recolhem os desconcertados, antes que me desconcertem a mim.

Que verei no hospício? O que vistes quarta-feira numa exposição de trabalhos feitos pelos pobres doidos, com tal perfeição que é quase uma fortuna terem perdido o

---

<sup>1</sup> Assim na *Gazeta* e em Mário de Alencar. Aurélio insere uma vírgula.

<sup>2</sup> A *Gazeta* tem “atacaram-se”, erro corrigido por Mário de Alencar e Aurélio.

<sup>3</sup> Duas citações do final de *Le Prêtre de Nemi* (1885), “drame philosophique” de Ernest Renan (1823-1892): “Le monde ne marche que par la haine de frères ennemis” (*sic*, sem “dois”), e “Le train du monde est fait pour détraquer le cerveau humain” (um pouco antes na mesma fala, na verdade de “diversas vozes” do povo de Alba Longa, “latino” [de Latium], mas inimigo de Roma).

juízo. Rendas, flores, obras de lã, carimbos de borracha, facas de pau, uma infinidade de coisas mínimas, geralmente simples, para as quais não se lhes pede mais que atenção e paciência.<sup>4</sup> Não fazendo obras mentais e complicadas, tratados de jurisprudência ou constituições políticas, nem filosofias nem matemáticas, podem achar no trabalho um paliativo à loucura, e um pouco de descanso à agitação interior. Bendito seja o que primeiro cuidou de encher-lhes o tempo com serviço, e recompor-lhes em parte os fios arrebatados da razão.

Mas não verei só isso. Verei um começo de Epimênides,<sup>5</sup> uma mulher que entrou dormindo, em 14 de setembro do ano passado, e ainda não acordou. Já lá vai um ano. Não se sabe quando acordará; creio que pode morrer de velha, como outros que dormem apenas sete ou oito horas por dia, e ir-se-á para a cova, sem ter visto mais nada. Para isso, não valerá a pena ter dormido tanto. Mas suponhamos que acorde no fim deste século ou no começo do outro; não terá visto uma parte da história, mas ouvirá contá-la, e melhor é ouvi-la que vivê-la. Com poucas horas de leitura ou de oitiva, receberá notícia do que se passou em oito ou dez anos, sem ter sido nem atriz, nem comparsa, nem público. É o que nos acontece com os séculos passados. Também ela nos contará alguma coisa. Dizem que, desde que entrou para o hospício, deu apenas um gemido, e pôe algumas vezes a língua de fora. O que não li é se, além da<sup>6</sup> tal letargia, goza do benefício da loucura. Pode ser; a natureza tem desses obséquios complicados.

Aí fica dito o que farei e verei para fugir ao tumulto da vida. Mas há ainda outro recurso, se não puder alcançar aquele a tempo: um livro que nos interesse, dez, quinze, vinte livros. Disse-vos no fim da outra *semana* que ia acabar de ler o *Livro de uma sogra*.<sup>7</sup> Acabei-o muito antes dos acontecimentos que abalaram o espírito público. As

---

<sup>4</sup> Vários jornais têm reportagens na quinta-feira, 26 de setembro, sobre esta visita ao Hospício (agora Palácio Universitário, na Praia Vermelha) de três ministros e muitas pessoas da alta sociedade; faz-se o elogio das instalações, e da generosidade no tratamento dos loucos. Delas, é provável que Machado tenha lido mais de uma – a da *Gazeta*, do *Paiz*, do *Jornal do Commercio*, ou de outros jornais. Eis um breve exemplo da reportagem da *Gazeta*: “Nessa exposição veem-se bem trabalhadas flores artificiais, crochet, rendas, crivo e trabalhos de lã, destacando-se uma coroa brasileira feita a bico de pena e carimbos de borracha feitos a canivete.” A história da mulher dormida aparece em todas as reportagens que lemos. Eis a versão da *Gazeta*: “foi-nos mostrado uma doente de nome Teodora, de 24 anos presumíveis, que ali se acha há mais de um ano, em profundo sono, sendo alimentada artificialmente. / Essa doente foi levada para o hospício dormindo, e até hoje ainda não despertou dessa letargia. / Faz os movimentos que se lhe ordenam, mas com os olhos fechados e sentada em uma cadeira. Os médicos diagnosticaram sono patológico, letargia histérica.” Certos detalhes, porém, a data de entrada (14 de setembro), o gemido (“Ai, meu Deus”) e o fato de pôr a língua de fora não aparecem na *Gazeta*, e foram colhidos provavelmente n’*O Paiz*, cuja reportagem está na p. 2, cols. 2 e 3, onde constam esses detalhes.

<sup>5</sup> Poeta e profeta cretense, do século VI a.C. Segundo uma lenda, o pai mandou-o procurar uma ovelha perdida, entrou numa caverna e dormiu 57 anos.

<sup>6</sup> Assim na *Gazeta*, e em Mário de Alencar. Aurélio tem “de”.

<sup>7</sup> *O livro de uma sogra*, de Aluísio Azevedo (1857-1913), acabava de ser publicado, e foi muito discutido nos jornais, criando polêmica. Este comentário talvez seja dos mais simpáticos. Como diz José Veríssimo numa resenha mais comprida e mais negativa: “O primeiro livro brasileiro que conheço, em que o casamento é posto em questão e discutido nos seus elementos e nos seus efeitos.” Faz parte de uma tendência mais geral na literatura, inspirada em parte pela obra de Tolstói e o teatro de Ibsen, de falar

letras também precisam de anistia.<sup>8</sup> A diferença é que, para obtê-la, dispensam votação. É ato próprio; um homem pega em si, mete-se no cantinho do gabinete, entre os seus livros, e elimina o resto. Não é egoísmo, nem indiferença; muitos sabem em segredo o que lhes dói do mal político; mas, enfim, não é seu ofício curá-lo. De todas as coisas humanas, dizia alguém com outro sentido e por diverso objeto, – a única que tem o seu fim em si mesma é a arte.<sup>9</sup>

Sirva isto para dizer que a fortuna do livro do Sr. Aluísio Azevedo é que, escrito para curar um mal, ou suposto mal, perde desde logo a intenção primeira para se converter em obra de arte simples. D. Olímpia é um tipo novo de sogra, uma sogra *avant la lettre*. Antes de saber com quem há de casar a filha, já pergunta a si mesma (pág. 112) de que maneira “poderá dispor do genro e governá-lo em sua íntima vida conjugal.”<sup>10</sup> Quando lhe aparece o futuro genro, consente em dar-lhe a filha, mas pede-lhe obediência, pede-lhe a palavra, e, para que esta se cumpra, exige um papel em que Leandro avise à polícia que não acuse ninguém da sua morte, pois que ele mesmo pôs termo a seus dias; papel que será renovado de três em três meses. D. Olímpia declara-lhe, com franqueza, que é para salvar a sua impunidade, caso haja de o mandar matar.

---

menos do adultério e mais do casamento em si e de seus males. Apesar de falar bastante abertamente do que Machado chama de “particularidades fisiológicas” (i.e., da sexualidade, menstruação, gravidez, parto etc.), o livro, o último de Azevedo, antes de desistir da literatura e dedicar-se à diplomacia, abandona o naturalismo: os “processos anteriores” aos quais Machado se refere, e a que se opunha totalmente. O mais interessante talvez seja o comentário que o livro, “escrito para curar um mal, ou suposto mal, perde desde logo a intenção primeira para se converter em obra de arte simples.” Machado nota o que outros críticos, inclusive Veríssimo, não notaram, que o grosso do livro está escrito por D. Olímpia, a sogra, o que pode deslocar o foco do enredo e da “doutrina” do livro para a narradora, “um tipo novo de sogra” – é este deslocamento que opera essa “conversão” em obra de arte.

<sup>8</sup> A anistia para os rebeldes rio-grandenses era o grande assunto da semana, comentada longamente por Ferreira de Araújo nas “Cousas políticas” da segunda-feira, e debatida na câmara, sobretudo na quarta-feira, dia 25, “apinhadas as galerias, repletas as tribunas, invadido o recinto por uma onda de curiosos”. Tratava-se de decidir se a anistia devia ser completa ou condicional (proibindo os revoltosos de voltar ao exército por dois anos; também perderiam o salário por esse período). Na verdade, a querela servia para dividir os que apoiavam Prudente de Moraes (a favor da anistia completa), e os (ex-)florianistas, do Partido Federal Republicano, liderados por Francisco Glicério, mais intransigentes. Nesse sentido, a leitura de “Cousas políticas” é instrutiva. Entre outras coisas, diz: “Se o governo do Sr. Prudente de Moraes não durar, por efeito de lutas políticas partidárias, os quatro anos do período legal, o partido republicano federal [que tinha apoiado sua eleição, em março de 1894] edificou na areia, e o serviço prestado ao país perde noventa e nove por cento do seu valor.” Depois da votação da câmara (contra a anistia completa, e a favor da condicional) na quarta-feira, dia 25, houve manifestações agressivas, e quase briga, fora do congresso – Francisco Glicério teria sido ameaçado com um revólver, e fugiu para dentro. A *Gazeta* lamenta esses acontecimentos, dizendo que se devem respeitar os resultados das votações, embora estivesse contra eles. No dia seguinte, 26, houve intenso bate-boca na câmara, e teve que ser suspensa a sessão.

<sup>9</sup> Não pude localizar esta citação com certeza. Machado a usa, com as mesmas palavras textuais, na crônica de 8 de janeiro de 1893 (38), onde a atribui a “um estético”. O fato de citar duas vezes sem atribuição pode até significar que ele mesmo não conhecesse a origem exata das palavras. Exprime, porém, um dos fundamentos essenciais da estética de Immanuel Kant (1724-1804): só uma obra de arte tem “Zweckmäßigkeit ohne Zweck”, ou seja, tem as qualidades de algo feito para um determinado fim, mas de fato não está feita para nenhum fim em particular.

<sup>10</sup> Assim na *Gazeta* e em Mário de Alencar. Aurélio coloca o ponto fora das aspas.

Leandro aceita a condição; talvez tenha a mesma impressão do leitor, isto é, que a alma de D. Olímpia não é tal que chegue ao crime.

Cumpra-se, entretanto, o plano estranho e minucioso, que consiste em regular as funções conjugais de Leandro e Palmira, como a famosa sineta dos jesuítas do Paraguai.<sup>11</sup> O marido vai para Botafogo, a mulher para as Laranjeiras. Balzac estudou a questão do leito único, dos leitos unidos, e dos quartos separados; D. Olímpia inventa um novo sistema, o de duas casas, longe uma da outra. Palmira concebe, D. Olímpia faz com que o genro embarque imediatamente para a Europa, apesar das lágrimas dele e da filha. Quando a moça concebe a segunda vez, é o próprio genro que se retira para os Estados Unidos. Enfim, D. Olímpia morre e deixa o manuscrito que forma este livro, para que o genro e a filha obedeçam aos seus preceitos.

Todo esse plano conjugal de D. Olímpia responde ao desejo de evitar que a vida comum traga a extinção do amor no coração dos cônjuges. O casamento, a seu ver, é imoral. A mancebia também é imoral. A rigor,<sup>12</sup> parece-lhe que, nascido o primeiro filho, devia dissolver-se o matrimônio, porque a mulher e o marido podem acender em outra pessoa o desejo de conceber novo filho, para o qual já o primeiro cônjuge está gasto; extinta a ilusão, é mister outra. D. Olímpia quer conservar essa ilusão entre a filha e o genro. Posto que raciocine o seu plano, e procure dar-lhe um tom especulativo, de mistura com particularidades fisiológicas, é certo que não possui noção exata das coisas, nem dos homens.

Napoleão disse um dia, ante os redatores do código civil, que o casamento (entenda-se monogamia) não derivava da natureza, e citou o contraste do ocidente com o oriente. Balzac confessa que foram essas palavras que lhe deram a ideia da *Fisiologia*.<sup>13</sup> Mas o primeiro faria um código, e o segundo enchia um volume de observações soltas e estudos analíticos. Diversa coisa é buscar constituir uma família

---

<sup>11</sup> Esta sineta fez fama em 1867, quando Zacarias de Góis e Vasconcelos, então presidente do conselho, aludiu ao suposto costume dos padres jesuítas, nas suas “reducciones” no Paraguai, de agitar uma sineta para “regular as funções de reprodução”. Para mais detalhes, ver a nota 3 da crônica de 6 de janeiro de 1895 (136).

<sup>12</sup> A *Gazeta* e Mário de Alencar têm “A vigor”, erro que Aurélio corrige.

<sup>13</sup> A *Fisiologia do casamento*, de Honoré de Balzac (1799-1850), é uma obra dos anos 1820 (isto é, de um homem jovem). Começa assim: “Le mariage ne dérive point de la nature. – La famille orientale diffère entièrement de la famille occidentale. – L’homme est le ministre de la nature, et la société vient s’enter sur elle. – Les lois sont faites pour les mœurs, et les mœurs varient.’ / Le mariage peut donc subir le perfectionnement graduel auquel toutes les choses humaines paraissent soumises. / Ces paroles, prononcées devant le Conseil d’État par Napoléon, lors de la discussion du Code civil, frappèrent vivement l’auteur de ce livre; et, peut-être, à son insu, mirent-elles en lui le germe de l’ouvrage qu’il offre aujourd’hui au public.”

[“O casamento não deriva absolutamente da natureza. – A família oriental difere totalmente da família ocidental. – O homem é o ministro da natureza, e a sociedade vem se enxertar nela. – As leis são feitas pelos costumes, e os costumes variam.’ / O casamento pode então passar pelo aperfeiçoamento gradual ao qual todas as coisas humanas parecem submetidas. / Estas palavras, pronunciadas diante do Conselho de Estado por Napoleão, quando da discussão do Código civil, tocaram vivamente o autor deste livro; e talvez, sem que ele soubesse, plantaram nele o germen da obra que hoje ele oferece ao público.”]

sobre uma combinação de atos irreconciliáveis, como remédio universal, e algo perigosos. D. Olímpia, querendo evitar que a filha perdesse o marido pelo costume do matrimônio, arrisca-se a fazer-lho perder pela intervenção de um amor novo e transatlântico.

Tal me parece o livro do Sr. Aluísio Azevedo. Como ficou dito, é antes um tipo novo de sogra que solução de problema. Tem as qualidades habituais do autor, sem os processos anteriores, que<sup>14</sup> aliás, a obra não comportaria. A narração, posto que intercalada de longas reflexões e críticas, é cheia de interesse e movimento. O estilo é animado e colorido. Há páginas de muito mérito, como o passeio à Tijuca, os namorados adiante, o Dr. César e D. Olímpia atrás. A linguagem em que esta fala da beleza da floresta e das saudades do seu tempo é das mais sentidas e apuradas do livro.



---

<sup>14</sup> Assim na *Gazeta* e Mário de Alencar. Aurélio insere uma vírgula.